SÃO PAULO (SP), Secretaria Municipal de Educação. Diretoria de Orientação Técnica. Orientações Curriculares: Expectativas de aprendizagens e orientações didáticas para Educação Infantil. São Paulo: SME/DOT, 2012.

SÃO PAULO (SP), Secretaria Municipal de Educação. Diretoria de Orientação Técnica. Percursos de aprendizagens: A escuta ativa e a exploração musical – A rede em rede: a formação continuada na Educação Infantil. São Paulo: SME/DOT, 2011.

REIS, Silvia Marina Guedes dos. 150 ideias para o trabalho criativo com crianças de 0 a 6 anos – 5 eds.- Campinas, SP: Papirus, 2007.

SILVA, Denise Gomes da. A importância da música no processo de aprendizagem da criança na educação infantil: uma análise da literatura. Outubro de 2010. 42 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Pedagogia) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2010.

SILVA, J. R. S. Princípios de pesquisa na área de educação: análise de dados. 2011. Disponível em: http://www.botanicaonline.com.br/geral/arquivos/www.botanicaonline.com.br_Silva2011_AnaliseEdu Acesso em: 11 de dezembro de 2013

SUZUKI, Juliana Teles Farias (Org.). TCC: elaboração & redação. Londrina: Redacional Livraria, 2009.

# O AUTISMO E SEUS ASPECTOS DENTRO DO SISTEMA EDUCACIONAL

ALINE KAREN LACERDA DOS SANTOS

**RESUMO**:

O presente artigo tem como objetivo, compreender por meio da teoria existente, alguns conceitos sobre o Autismo, suas causas, características, principais sintomas, forma de tratamento e como conduzir o aluno autista na escola, favorecendo da melhor maneira o seu aprendizado. A pessoa com autismo, ou TEA (Transtorno do Espectro Autista), também é identificado como alguém a ser contemplado com a inclusão escolar. Esta enfermidade aparece na criança com grau menor ou maior, e isso é o ponto de partida para identificar a direção a ser tomada na inclusão deste aluno. É um tema que traz muita reflexão e preocupação no meio educacional em todo o mundo. Isso ocorre quando a criança ou outra pessoa necessita de uma análise particular, ao apresentar alguns aspectos básicos que possam caracterizar o Autismo. Para que se possa compreender de forma clara este conceito, denominado como TEA, precisa ser compreendido outros termos similares que envolvem tal dificuldade ou anomalia.

**PALAVRAS-CHAVE:** Autismo; Educação Especial; Inclusão; Legislação.

## INTRODUÇÃO

A inclusão escolar é um tema amplamente discutido no mundo inteiro. No Brasil é grande o número de alunos que necessitam estar amparados pelo estado

e por todos os envolvidos na educação de forma geral, pois mesmo após a criação de leis e de inúmeras ações nesta direção, ainda é falho o atendimento a toda a população que necessita de amparo na educação inclusiva.

Segundo o que se tem na teoria atual, referência ao Ministério da Educação publicado em 1997, a educação inclusiva é um processo que busca recolocar na rede de ensino, em todos os seus graus, as pessoas com deficiências, de distúrbios de aprendizagem ou de deficiência, excluídas do meio educacional, seja por gênero, cor ou outros motivos que sirva como fator de exclusão (MEC, 1997). A inclusão escolar é um tema amplamente discutido no mundo inteiro. No Brasil é grande o número de alunos que necessitam estar amparados pelo estado e por todos os envolvidos na educação de forma geral, pois mesmo após a criação de leis e de inúmeras ações nesta direção, ainda é falho o atendimento a toda a população que necessita de amparo na educação inclusiva. Segundo o que se tem na teoria atual, referência ao Ministério da Educação publicado em 1997, a educação inclusiva é um processo que busca recolocar na rede de ensino, em todos os seus graus, as pessoas com deficiências, de distúrbios de aprendizagem ou de deficiência, excluídas do meio educacional, seja por gênero, cor ou outros motivos que sirva como fator de exclusão (MEC, 1997).

A inclusão escolar encontra-se respaldada na LDB/1996, e regulamentada posteriormente de acordo com as realidades de cada região, mas de forma geral, pode se afirmar que este tema é bastante complexo e possibilita aos interessados no assunto, levantar uma discussão, especialmente para os formandos em pedagogia e cursos de especialização em deficiência intelectual, entre outros. Pesquisar os conceitos, conhecer teorias e sua aplicação, é o desejo de fazer parte de uma realidade no dia a dia escolar.

O autismo é um transtorno que afeta a aprendizagem como um todo principalmente no que se referem alterações no atraso da linguagem, comportamentos, ansiedades, a questão social é muito prejudicada. A palavra autismo significa basicamente isolamento social, não existe exame médico para detectar o problema precocemente.

A possibilidade de diagnóstico tem como base os sintomas apresentados diariamente pelo indivíduo os quais geralmente impossibilita-o desenvolver as potencialidades pessoais e sociais. A participação e o comprometimento da família são decisivos para a evolução no processo de desenvolvimento do autista, principalmente aceitar que o filho tem algo diferente, se ele compartilha a atenção, mostra ou não interesse, não tem um olhar fixo no outro, é calado demais, ou fala quase nada e etc. Se for ao contrário não existir a aceitação dos pais, aí o caso torna-se mais complicado.

É na escola onde o autista aprende a ter mais confiança em si mesmo, pode até desenvolver a linguagem oral e escrita, mas, para que isso aconteça é necessário o educador saber lidar, proporcionar um espaço adequado, um ambiente tranquilo e estratégias que foquem a deficiência do autista de forma ampla e integral, é importante que o autista seja aceito no meio social, que interaja com os colegas e socie-

dade.

O autismo é um transtorno que pode ser percebido logo cedo e neste caso, a criança tem maior possibilidade para superar as dificuldades e ser inserido na sociedade como um ser social e comunicativo. O educador como mediador é de fundamental importância no desenvolvimento da aprendizagem do educando e diante do diagnóstico deve desenvolver uma metodologia apropriada com métodos alternativos, lúdicos para intervir no problema e ajudar o indivíduo a melhorar a incapacidade de responder algo a qual é solicitado com maior precisão, adquirindo capacidades intelectuais, comunicativas, concentração, bem como, as atitudes de socialização com o próximo, a sociedade e com o grupo e etc., e consequentemente avançar no rendimento educacional.

Portanto, são de suma importância as práticas lúdicas direcionadas para o autista intervindo com responsabilidade e compromisso observando cada sintoma diagnosticado para que as dificuldades possam ser reduzidas, podendo o autista aprender e desenvolver as atividades com maior facilidade e autonomia. Para fundamentar teoricamente este estudo foi utilizada a pesquisa bibliográfica.

## O AUTISMO NO SISTEMA EDUCACIONAL

O psiquiatra Austríaco radicado nos Estados Unidos Leo Kanner, publicou um livro sobre seus estudos intitulado: Distúrbios Autísticos do Contato Afetivo (Autistic disturbances of affective contact), definindo o termo Autismo, no qual o autor cita algumas das características da pessoa portadora dessa anomalia.

Kanner com essa primeira publicação de (1943), ressalta que o sintoma fundamental deste, “o isolamento autístico”, encontrava-se presente na criança desde o início da vida indicando que se tratava então de um distúrbio inato. Crianças apresentavam um isolamento extremo desde o início da vida e um anseio obsessivo pela preservação da rotina, denominando-as de “autistas”.

“O autismo compreende a observação de um conjunto de comportamentos agrupados em uma tríade principal: comprometimentos na comunicação, dificuldades na interação social e atividades restrito-repetitivas” (CUNHA, 2013, p.20).

Ainda segundo Cunha (2013), o termo ‘autismo’ deriva do grego 'autós', que significa ‘por si mesmo’ e, ‘ismo’, condição, tendência”. Assim, é possível afirmar que o autismo ou “autista” é um assunto bem complexo, conhecido cientificamente como TEA (Transtorno do Espectro Autista), é um tema que traz muita reflexão e preocupação no meio educacional em todo o mundo. Isso ocorre quando o indivíduo necessita de uma análise particular ao ser apresentado a alguns aspectos básicos que possam caracterizar o Autismo.

É possível perceber na criança com a síndrome, alterações na afetividade, ausência de interesse no ato de brincar, dificuldade na fala, pois o comportamento desta criança pode interferir no seu desenvolvimento prejudicando sua interação com o meio social no qual está inserida.

De acordo com Cunha (2009), o autismo “é uma síndrome resultante de causas ainda desconhecidas, porém a

genética tem grande importância ao que se diz na manifestação do autismo". É um transtorno complexo com sintomas e quadros comportamentais distintos e seu tratamento pode ajudar, mas essa síndrome não tem cura,

O Transtorno do Espectro Autista manifesta-se nos primeiros anos de vida, proveniente de causas ainda desconhecidas, mas com grande contribuição de fatores genéticos. Trata-se de uma síndrome tão complexa que pode haver diagnósticos médicos abarcando quadros comportamentais diferentes. Tem em seus sintomas incertezas que dificultam, muitas vezes, um diagnóstico precoce (CUNHA, 2009 p.19).

Muito se fala, muito se escreve e muito se divulga sobre o autismo e, no entanto, boa parte das pessoas ainda não sabe ou compreende com clareza do que se trata exatamente. São muitos os que também não conseguem identificar uma criança com Transtorno do Espectro Autista (TEA). Para que se possa compreender de forma clara este conceito, é preciso compreender outros termos similares que envolvem está dificuldade ou anomalia.

O TEA, como o próprio nome aponta, é um "espectro", ele determina uma condição de uma complexa e consequente desordem que ocorreu no desenvolvimento do cérebro da pessoa. Isso significa que várias condições ligadas ao autismo foram englobadas em um único diagnóstico, assim, fazem parte do TEA o autismo propriamente dito, a Síndrome de Asperger, o transtorno desintegrativo da infância e o transtorno generalizado do desenvolvimento não especificado (PDD-NOS).

## A IMPORTÂNCIA DO LÚDICO

A criança autista apresenta inúmeros problemas principalmente os relacionados à linguagem, a inabilidade para interagir socialmente com os outros terminam que ficando isolado da sociedade, para evitar maiores prejuízos no processo de aprender a aprender deste indivíduo, o educador deverá proporcionar atividades focadas diretamente para esse público, onde possa envolver a criança no processo de aprendizagem significativa, motivando e estimulando-os continuamente.

Neste sentido, o objetivo deste estudo é discutir sobre a criança autista na escola e o processo de aprendizagem, neste foco compreende-se que o autista precisa ser auxiliado para então superar as dificuldades de comunicar-se que é o maior problema que envolve esse transtorno. Assim, o profissional deve ser um mediador de todo processo intelectual da criança, oferecendo-lhes diversas oportunidades para desenvolverem-se simultaneamente as habilidades e competências.

Assim, este trabalho mostra o quanto é importante estimular a linguagem e a intelectualidade dos alunos autistas, tendo em que o Déficit de desenvolvimento Autismo é um processo complexo e que diante das exigências da educação é um grande desafio incluir a criança autista no processo de aprendizagem juntamente com os demais ditos normais. Pois, corresponde ao educador abrir espaço para a inovação, para o repensar em práticas que favoreçam o autista como também os demais alunos, incluindo todos numa aprendizagem diferenciada compreendendo-os e auxiliando-os em de forma contínua, promovendo a sociabilidade entre os

alunos e grupos sociais.

Sabe-se que o processo de ensinoaprendizagem em si já é bastante complexo para uma criança compreender, quanto mais quando um ser humano não apresenta, ou não tem certas habilidades e competências de aprendizagem para desenvolver esse processo, quando não compreende o outro, não sabe interagir, comunicar ideias, socializar sentimentos e emoções.

O autista apresenta ser uma pessoa normal fisicamente, porém é impossível não perceber os sintomas na sala de aula pois, apresenta incapacidade de falar ou não se comunica quase nada, repete constantemente falas de outras pessoas, na maioria são agitados, bem possessivos, contato visual deficiente, tem bastante dificuldades para se concentrarem, não prestam atenção, tem grande facilidade de distração, não brincam com os demais, ignoram o que o outro fala, sente falta de interesse e curiosidade principalmente em aprender e etc. São fatores marcantes no autista.

Assim, os educadores tinham grande capacidade de lidar com a criança autista, todos estavam preparados para desenvolver metodologias adequadas, promovendo o envolvimento, a socialização e a participação do autista nas atividades, compreendiam a forma de relacionamento deste com o outro e com o próprio mundo, valorizavam as diferenças e a particularidade de cada um e assim todos aprendiam. Sabe-se que o indivíduo autista pode desenvolver certas habilidades mais para isso é preciso descortinar uma educação onde focaliza as dificuldades como ponto de partida para alcançar o sucesso.

É fundamental que o profissional conheça a relação da criança com determinado conteúdo, o que é significativo, o que mais gosta de fazer, brincar para então executar qualquer proposta educativa. Vale ressaltar que quando a criança autista chega à escola, ela é desafiada a conviver num ambiente diferenciado e que precisa aprender a viver em sociedade, bem como enfrentar determinadas propostas, pois, não tem habilidades para realizar determinadas atividades deixando-as ainda mais desmotivadas. Assim a atividade lúdica entra como um diferencial para inserir o autista no grupo e aprender com os demais.

São inúmeros os problemas da criança autista, muitas vezes qualquer som, barulho logo tira a atenção e perde o foco do que está fazendo, outro autista tem comportamentos agitados levando ao fracasso escolar e a exclusão social. Quanto às incapacidades de relacionamento com o outro, a criança autista pode ter sérios problemas que podem gerar brigas e exclusão deste com o grupo, por não conseguir fazer socialização interpessoal com os demais.

Para a criança com TEA, o ato de brincar passa a ter uma abordagem em que essas crianças podem usar a função do corpo para expressar uma emoção inerente para alcançar a comunicação interativa, estabelecendo assim habilidades interpessoais e promovendo a adaptação social (TSENG; TSENG; CHENG, 2016). No entanto, dado que estão limitados pelas dificuldades de interação e comunicação, as crianças autistas geralmente jogam sozinhas, raramente interagindo com outras

pessoas. Assim, seus padrões de brincadeiras tendem a ser bastante fixos e repetitivos.

Nada ilumina mais o cérebro tanto quanto o ato de brincar. Brincadeiras tridimensionais ativam o cerebelo, que mandam vários impulsos para o lobo frontal, o que ajuda o desenvolvimento da memória contextual (GURUPARENTS, 2015; NATIONAL INSTITUTE FOR PLAY, 2017). Das primeiras experiências do ato de brincar, as crianças aprendem a compreender a linguagem corporal, o contato visual, a atenção conjunta, a iniciação, a partilha, a resolução de problemas e as habilidades de referência. O ato de brincar ajuda as crianças a desenvolverem habilidades importantes que precisarão para o resto de suas vidas.

O National Institute for Play é uma instituição de pesquisa sobre o Ato de Brincar (2017). É uma corporação sem fins lucrativos de benefício público comprometida em trazer o conhecimento, práticas e benefícios do ato de brincar na vida do ser humano. Fundado pelo Dr. Stuart Brown, formado em Psiquiatria e Pesquisa Clínica. Ele descobriu pela primeira vez a importância do jogo discernindo sua ausência em um grupo cuidadosamente estudado de jovens homicidas, começando com o assassino em massa da Torre da Universidade do Texas, Charles Whitman. Mais tarde, tornou-se diretor clínico fundador e chefe de Psiquiatria no Mercy Hospital e Medical Center e professor associado na UCSD em San Diego, Califórnia.

Ao longo de sua carreira clínica, ele entrevistou milhares de pessoas para capturar seus perfis de brincadeiras. A catalogação de seus perfis demonstrou a presença ativa do ato de brincar nas realizações das consequências negativas muito bem-sucedidas e igualmente identificadas que se serial killers acumulam inevitáveis em uma vida privada do ato de brincar. Ao se falar em assassinos, dentre outros, muito se fala na criação violenta que tiveram, muitos foram vítimas de agressões, inclusive de cunho sexual.

Pouco se falava, entretanto, na falta do brincar na vida dessas crianças. Numa das pesquisas do Dr. Stuart, os pesquisadores programaram ratazanas para que, num determinado período de sua infância um grupo brincasse e outro grupo ficasse privado do ato. Depois, ambos os grupos foram expostos a uma situação de estresse e ambos fugiram e se esconderam. Entretanto, o grupo que foi permitido participar do ato de brincar, mesmo com medo, saiu do esconderijo lentamente para explorar o ambiente e verificar se estavam fora de perigo. O outro grupo permaneceu acuado e escondido até morrerem. Os pesquisadores concluíram que o ato de brincar é muito útil para a nossa sobrevivência.

Ensino e de aprendizagem não se dissociam, pois traduzem a completude do aprendiz e do mestre. Pensar sobre aprendizagem requer o conhecimento do desenvolvimento humano, principalmente ao longo da escolarização, desde a primeira infância, tendo como eixo norteador de todas as teorias a importância da interação para o desenvolvimento social, cognitivo, biológico e emocional do ser.

Para Piaget (1977), os fatores biológicos interferem no desenvolvimento mental, sendo que a partir do meio o indivíduo efetiva seus processos de aprendi-

zagem, seguindo o que denominou etapas do desenvolvimento cognitivo: sensório motor, pré-operacional, operacional concreto e operacional-formal, expressos nos processos progressivos de esquema, assimilação, acomodação e equilibração. Sendo que:

O desenvolvimento é caracterizado por um processo de sucessivas equilibrações. O desenvolvimento psíquico começa quando nascemos e segue até a maturidade, sendo comparável ao crescimento orgânico; como este, orientase, essencialmente, para o equilíbrio. (PIAGET, 1974, p.13).

Acredita-se, no entanto, que haja um forte componente genético, uma vez que irmãos de autistas têm uma chance até 25 vezes maior de também serem portadores do transtorno. Entende-se também que fatores ambientais possam ter alguma interferência na gênese do TEA. De uma forma geral, os sinais do TEA relacionam-se a três áreas mais dominantes:

Marques (1993) afirma que o autismo é uma doença rara manifestada uma vez em 1200 nascimentos. Contudo já atinge uma porção considerável, tendo-se estimado em 1997, em aproximadamente 500.000 pessoas seriam atingidas por essa patologia só nos Estados Unidos da América. Por outro lado, a taxa de incidência parece ser quatro vezes superior no sexo masculino. Contudo não parece ter qualquer associação conhecida com aspectos racial, social, econômicos ou culturais. No entanto é possível que haja alguma associação genética com determinadas formas de autismo, sendo que teorias envolvendo a influência do comportamento dos pais e do meio familiar, foram fortemente desacreditadas (DUNLAP, PIERCE & KAY. 1999, p. 3).

A expressão “Autismo” foi utilizada pela primeira vez pelo psiquiatra suíço Eugen Bleuler em 1911 com o intuito de nomear a perda do contato com a realidade externa, acarretando uma grande dificuldade ou até mesmo a impossibilidade do aluno se comunicar. O Transtorno do Espectro Autista (TEA) é uma condição do desenvolvimento neurológico, caracterizado por uma alteração da comunicação social e pela presença de comportamentos repetitivos e estereotipados.

O Manual Diagnóstico Estatístico de Transtornos Mentais (DSM-V) 5ª Edição, (2014), adota o termo Transtorno do Espectro Autista (TEA), reafirmado essa conceituação, que agrupa várias doenças anteriormente separadas. Entre estes, são citados o “Transtorno Autista”, o “Transtorno de Rett”, “Transtorno Desintegrativo da Infância”, “Transtorno de Asperger” e “Transtorno Global do Desenvolvimento sem outra especificação”.

O TEA ou Autismo é um transtorno de desenvolvimento caracterizado por três características fundamentais, sendo apresentados como características, a dificuldades de socialização, problemas de comunicação social por deficiência no domínio da linguagem e comportamentos repetitivos e restritos.

Segundo o contido no DSM 5 (APA, 2014), os critérios do DSM-5 é o ponto de partida para suspeitar do Transtorno de Espectro do Autismo. Os principais diagnósticos do TEA são:

- Déficits persistentes na comunicação social e nas interações, clini-

camente significativos manifestados por: déficits persistentes na comunicação não verbal e verbal utilizada para a interação social, falta de reciprocidade social, incapacidade de desenvolver e manter relacionamentos com seus pares apropriados ao nível de desenvolvimento;

- Padrões restritos e repetitivos de comportamento, interesses e atividades, manifestados por pelo menos dois dos seguintes critérios: estereotipias ou comportamentos verbais estereotipados ou comportamento sensorial incomum, aderência excessiva às rotinas e padrões de comportamento ritualizados, interesses restritos;

- Os sintomas devem estar presentes na primeira infância (mas podem não se manifestar plenamente, até que as demandas sociais ultrapassem as capacidades limitadas);

- Os sintomas causam limitação e prejuízo no funcionamento diário.

O DSM 5 também sugere o registro de especificadores: Com ou sem Deficiência intelectual, com ou sem comprometimento da linguagem concomitante, associado à alguma condição médica ou genética conhecida, ou a fator ambiental, associado a outro transtorno do desenvolvimento, mental ou comportamental, com catatonia.

Para alguns especialistas, o autismo é uma síndrome resultante de causas ainda desconhecidas, mas no que diz respeito à manifestação do autismo, a genética tem grande importância por sua manifestação. Porém refere-se a um transtorno complexo com sintomas e quadros comportamentais distintos.

Por longos anos, as crianças com a deficiência sofreram muita descriminação, no entanto, em meio uma nova visão sobre esse respeito o Decreto n° 3.956 de setembro de 2001 determinou crime, atos de intolerância aos considerados especiais. Neste sentido, podemos dizer que se julgou necessário um novo olhar para uma ascensão a uma cidadania igualitária.

As escolas têm um dever a ser cumprido – que é de inserir a inclusão! Os alunos aprendem a conviver com a deficiência e se tornam cidadãos solidários. Para que isso se torne realidade em todas as salas, a participação do professor é essencial.

Infelizmente, esse quadro não é comum na maioria das escolas brasileiras. Por falta de informação ou omissão dos pais, educadores e do poder público, milhares de crianças ainda vivem escondidas ou isoladas em instituições especializadas – situação que priva as crianças com ou sem deficiência de conviver com a diversidade.

UM OLHAR ESPECIAL PARA TODOS

O autismo é caracterizado por três traços comuns: (i) dificuldades com a interação social, (ii) comunicação verbal e não-verbal alterada e (iii) comportamentos repetitivos. Até que ponto uma pessoa é afetada pelo autismo varia, e é importante lembrar que duas pessoas – apesar de serem diagnosticadas com TEA não são iguais. O que dá certo para uma criança não necessariamente dará certo com outra criança autista. A boa notícia é que, devido ao aumento dos diagnósticos de autismo precocemente, há muito o que se pode ser feito para apoiar as pessoas que

convivem com crianças com TEA.

A intervenção precoce é fundamental ao apoiar uma pessoa com autismo. Apoiar uma criança através da ludicidade é a melhor maneira para elas aprenderem. O ato de brincar é mais do que deixar uma criança brincar com brinquedos. No TEA, o objetivo do brincar vai mais além do que com crianças neurotípicas: é a interação social e o engajamento com as pessoas.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir de todo exposto neste artigo conclui-se que o autismo é um transtorno que afeta todo desenvolvimento da criança, visto que a linguagem é a base para a aquisição das demais competências para o ser humano desenvolve-se integralmente na sociedade e no caso do autista existe uma barreira que impossibilita o processo da linguagem e

consequentemente impede a comunicação deixando-o cada vez mais isolado e desmotivado para prendê-la.

É preciso neste contexto que educadores desenvolvam atividades adequadas e que auxilie a criança continuamente na sala de aula, assim, ele terá oportunidades de crescer intelectualmente e participar das atividades com maior entusiasmo. As crianças autistas sentem dificuldades de viver em grupo, precisam do apoio, de um atendimento especial no processo de aprendizagem para socializar-se no mundo como cidadão crítico e reflexivo.

Diante disso, pode se afirmar que é um tema para uma boa reflexão acerca dos profissionais que atuam com a educação como um todo, pois a educação inclusiva defende que estes alunos estejam inseridos na sala de aula regular de ensino, no qual existe a possibilidade da interação com os alunos tidos como “normais”, podendo fazer parte do quadro comum do ensino em todo os seus aspectos.

Vale mencionar que ensinar de maneira lúdica numa sala regular onde tem uma criança autista, de forma a incluí-la no processo de aprendizagem juntamente com os demais, não é um ofício fácil, é árduo, desafiador. É preciso estar preparado, disponibilizado a enfrentar o desafio de cada dia e superar os obstáculos e no final estar consciente de que cumpriu a verdadeira tarefa de educador e facilitador da aprendizagem.

## REFERÊNCIAS


BEAUCLAIR, João. A subjetividade na educação. Revista Psique.

Psicopedagogia, edição especial 2008, p. 19.

BOSA, C. y CALLIAS, Maria. Autismo: breve revisão de diferentes abordagens. Psicol. Reflexão. Crit., vol.13, no.1, 2000, p.167.

COLL, C; PALACIOS, J; MARCHESI, A. Desenvolvimento Psicológico e educação - Necessidades Educativas especiais e aprendizagem escolar. Porto Alegre: Artmed, 1995, p. 270-288.

CORREIA, O.B). A aplicabilidade de um programa de intervenção precoce em crianças com possível risco autístico. 2005.

FONSECA, Vitor. Educação especial. Programa de Estimulação Precoce: uma